

Sexta-feira, 12 de Junho de 1959

RUBEM BRAGA

MORTOS

MURILO MIRANDA propôs que se dê o nome de Gastão Cruls a uma rua do Rio. Ninguém merece mais isso que o excelente Gastão, carioca e amante de sua cidade; e se o prefeito Freire Alvim tiver sensibilidade, êle escolherá para Gastão não uma rua, qualquer, mas algum canto ou caminho onde houver árvores e pássaros, porque êle muito amou nossa natureza.

Sem contacto com os amigos comuns, eu mal soube da doença de Gastão, e sua morte foi para mim uma surpresa dolorosa. No mesmo dia eu soube de outra morte, a de um homem simples, o Batista, ali do bar da esquina. Misturo numa só crônica essas duas mortes, pois o escritor, o médico e o naturalista que era Cruls gostaria certamente, como carioca, desse «português da esquina» que era o Batista, homem bem humorado e prestimoso que fez um amigo em cada cidadão de Ipanema que o conheceu na sua esquina de Montenegro e Prudente de Moraes.

Não consigo visitar o escritório de José Olímpio sem me lembrar de José Lins do Rêgo, sua cara, sua voz, seus tiques, seu jeitão amigo; agora, José Olímpio, temos aí outro fantasma cordial, o velho e erecto Gastão, com seu talhe de palmeira e sua cara de ave; os dois devem estar fazendo uma chacinha vespertina em algum canto do céu com o nosso Graciliano, com o...

Chega de mortos. Mas, como é estranho chamar êsses homens de mortos! Eles, que sentimos tão vivos. Sim, êles é que são os vivos; nós somos apenas sobreviventes.